A COLONIALIDADE DO PODER E A TENTATIVA DE SUBJUGAÇÃO DAS MULHERES SÃO TOMENSES PRESENTES NA OBRA *A DOLOROSA RAIZ DO MICONDÓ*, DE CONCEIÇÃO LIMA

Maria Luiza Sanches Cerqueira[1]

José Henrique de Paula Borralho[2]

INTRODUÇÃO

Para abordar os aspectos centrais do estudo, é de suma importância destacar o papel feminino na Literatura Africana de Língua Portuguesa e fazer uma busca mais avançada das autoras e das suas abordagens literárias. É notório que essa literatura desempenha uma função importante no contexto pós-colonial. Apesar de ser uma vertente nova, ela representa uma sociedade resistente, que busca revalorizar o que envolve a África e mostrar, por meio da escrita, tudo que há de rico em seus respectivos países. Nos textos de Conceição Lima, é muito comum a exaltação da fauna e da flora de São Tomé e Príncipe, e isso ocorre também nas produções de diversos poetas que, em primeira instância, apontam as sequelas colonialistas, mas também aclamam a beleza natural.

No presente trabalho, será mostrada a denúncia da tentativa de submissão e repressão vivenciada pelas mulheres são-tomenses na poética de Conceição Lima, tendo como principal base teórica os estudos a respeito da colonialidade do poder e seus efeitos no contexto social. A autora santomense possui grande relevância no campo literário contemporâneo e, por meio de seus poemas, como o patriarcalismo e o colonialismo se entrelaçam em prol da marginalização da mulher africana e como as marcas deixadas pela colonização afetam sua vida social.

Além disso, partindo para o aporte teórico, pesquisou-se a respeito dos estudos desenvolvidos por Aníbal Quijano sobre a colonialidade do poder, que tinha como finalidade diferenciar termos como civilização e colonialidade. Embora suas pesquisas tenham tido como foco principal a América Latina, mas toda a sua construção serviu de base para o desenvolvimento de pesquisas sobre a colonização em países africanos. Isso porque, mesmo sendo em continentes diferentes, o objetivo e o papel do colonizador foram os mesmos, resultando em consequências drásticas para ambos.

Ademais, o livro central desta pesquisa é A dolorosa raiz do Micondó, da autora Conceição Lima, publicado em 2006. Com isso, o estudo tem como objetivo principal analisar os elementos da colonialidade do poder e a tentativa de subjugação das mulheres são-tomenses presentes na obra.

METODOLOGIA

A pesquisa tem como premissa e principal obra a ser analisada *A dolorosa raiz de Micondó*, de autoria da poeta são-tomense, Conceição Lima. O referido estudo possui um caráter bibliográfico e uma abordagem qualitativa. Após a leitura da obra, foram realizadas análises dos poemas e uma pesquisa em hemerotecas em busca de artigos e periódicos de grande, média e baixa circulação sobre a produção literária são-tomense, assim como livros, romances, poesias,

1 Discente em Letras Licenciatura em Português, Espanhol e Literaturas, Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: mariasanchesc10@gmail.com

2 Profº Drº. José Henrique de Paula Borralho, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: jh_depaula@yahoo.com.br

encartes, panfletos, correspondências sobre a colonialidade do poder, patriarcalismo, machismo, subjugação e opressão feminina em São Tomé e Príncipe.

Além da análise cultural e política, questões sociais foram indagadas, tal qual a herança colonial como traço marcante da colonialidade do poder e suas posições políticas, na estrutura de poder, no âmbito intelectual, educacional e literário. Além disso, exploraram-se obras de autoras femininas que abordam questões de gênero e raciais como forma de denúncia de um sistema eurocêntrico opressor. Após tal levantamento, pesquisou-se a biografia, a crítica e a fortuna literária de Conceição Lima, assim como a sua influência na produção literária de São Tomé e Príncipe.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Colonialidade do poder: conceitos e implicações

De acordo com o autor Aníbal Quijano (2005), a civilização foi um movimento europeu, onde instituíram o seu estilo de vida, seus pensamentos e seus costumes. Enquanto a colonialidade foi a introdução, de fato, do eurocentrismo, ou seja, a introjeção de valores eurocêntricos, moldando a forma de viver dos colonizados.

> Como já foi apontado, o mito fundacional da versão eurocêntrica da modernidade é a idéia do estado de natureza como ponto de partida do curso civilizatório cuja culminação é a civilização européia ou ocidental. Desse mito se origina a especificamente eurocêntrica perspectiva evolucionista, de movimento e de mudança unilinear e unidirecional da história humana. (Quijano, 2005, p. 129).

O eurocentrismo foi classificado pela ciência do século XIX como superior, enquanto os nativos daquelas terras invadidas eram considerados seres sem cultura e que precisavam de uma "civilização". Isso não aconteceu somente na África, mas em todos os continentes que tiveram suas terras invadidas e violadas. A busca pela "europarização" não cessou com o passar dos anos, e até hoje é possível ver resquícios dessa prática.

Como já mencionado anteriormente, o termo "colonialidade" não se trata de conquista de territórios, mas à violação de identidades e à imposição europeia. A tentativa de apagamento afetou todas as esferas sociais dos respectivos países colonizados. A hegemonia europeia vivenciada naqueles territórios foi capaz de moldar as raízes, e, apesar de muita resistência, foi implantado um novo modo de ser e viver.

> Como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento e da produção do conhecimento (Quijano, 2005, p. 121).

Além disso, foi a partir da colonização que foram estabelecidas as identidades raciais na sociedade, em determinados âmbitos, como na divisão trabalhista. Assim, os colonizadores determinavam como seria a divisão de trabalho dos indígenas, negros e mestiços que ali viviam. Obviamente, a classe dominada não tinha o direito de trabalhar e receber um salário digno, diferentemente dos brancos, que podiam escolher sua fonte de renda.

> (...) Por outro lado, os negros foram reduzidos à escravidão. Os espanhóis e os portugueses, como raça dominante, podiam receber salários, ser 118 comerciantes independentes, artesãos independentes ou agricultores independentes, em suma, produtores independentes de mercadorias. Não obstante, apenas os nobres podiam ocupar os médios e altos postos da administração colonial, civil ou militar. (Quijano, 2005, p. 129).

Bom, sabe-se que a questão racial sempre influenciou no mercado de trabalho e que, até hoje, infelizmente, ainda é possível ver essa desvalorização por conta do racismo estrutural. Antes, isso era ainda mais visível, mas não ocorria nenhuma intervenção, visto que a realidade era totalmente diferente e os que sofriam com essa desigualdade não tinham voz para intervir ou denunciar. "Nas regiões não- europeias. O trabalho assalariado concentrava-se quase exclusivamente entre os brancos" (QUIJANO, 2005, p. 119).

> Como exposto, embasadas na ideia criada pela colonização de raças superiores e inferiores, as indústrias excluíam todos aqueles que faziam parte da raça negra. As oportunidades eram direcionadas à população branca. (Maia; Melo, 2020, p. 236).

Nota-se que o colonialismo afetou todas as esferas sociais e dificultou ainda mais a empregabilidade dos colonizados. Com isso, pode-se atentar que essa desigualdade é um fruto herdado do período colonial, visto que a classe privilegiada continua tendo acesso aos melhores cargos, sistema de saúde e educação. Isso é a colonialidade do poder. Em resumo, são os resquícios do colonialismo europeu que afetam a sociedade atual, assim como afetaram antes da independência dos países. Através da já mencionada "divisão de trabalho", o poder foi se concentrando nas mãos dos colonizadores, fazendo com que os descendentes desses europeus mantivessem essa prática de domínio e poder. Então, o fato de ter possuído grupos hegemônicos fez com que houvesse poder sobre as riquezas e política dos determinados países.

> O padrão de descrição, classificação e dominação, conhecido por colonialidade do poder, identificado por Aníbal Quijano (2010) com a emergência do capitalismo moderno, encontrou nas ilhas de São Tomé e Príncipe um fértil território para sua propagação. (Bayer, 2012, p. 142).

Nos tempos coloniais, o grande objetivo era gerar riquezas, lucros e poder para os brancos, e o método usado era "direto", ou seja, por meio da escravidão e da violência contra as pessoas negras e indígenas. Após a independência, imaginou-se que esses povos estariam livres para manifestar seus costumes e tradições, mas nota-se que isso não aconteceu de imediato. Na realidade, o que ocorre é um "colonialismo" contemporâneo, ou seja, uma nova forma de colonização, que foi intitulada pelo sociólogo Aníbal Quijano como "colonialidade do poder". Essa colonialidade é uma nova estratégia para continuar enriquecendo os povos privilegiados, mas de forma sutil. Se tratando das pesquisas de Quijano, com o foco na América Latina, ele abordou que, para que esse colonialismo do poder funcione, foi preciso precarizar o continente, ou seja, tornar esse continente dependente da Europa e da América do Norte. Com isso, ele se tornaria "refém" desses dois continentes, que possuem riquezas e desenvolvimento maiores.

Essa tentativa de colonialismo causa novamente uma violação de identidade, pois se assemelha ao que foi feito pelos europeus nos séculos passados. A diferença é que antes era mais escancarado e visível; hoje em dia, ocorre de forma mais ardilosa e encoberta. O estudo do referido teórico, apesar de ter sido voltado para a realidade da América Latina, assemelha-se ao que foi realizado no continente africano. Mesmo após a independência, diversos países não conseguiram quebrar a ligação com os antigos colonizadores de Portugal, pois ainda havia uma estrutura que seguia o modelo português. Por exemplo, no campo político, social e econômico, ainda se tem como a Europa como referência.

No âmbito da economia, o continente tem como principal recurso o extrativismo. Sabe-se que a África possui uma vasta riqueza mineral e isso foi um dos alvos de exploração dos colonizadores. O que esta pesquisa busca abordar é que o colonialismo permanece enraizado até hoje nos continentes que foram invadidos; mesmo que de forma encoberta, algumas práticas permanecem. Os países que foram colonizados continuam sendo alvo de exploração, o que mostra que essas condutas se perpetuam, refletindo até mesmo em questões de gênero.

Além disso, há um fator importante: o campo linguístico. A língua mais falada é o português o idioma oficial de cinco países africanos e, consequentemente, o mais utilizado.

Mesmo com o uso das línguas originárias de cada povo, sabe-se que a supremacia branca e europeia se sobressai e ganha um lugar de prestígio nos países, ocasionando uma perda de identidade daqueles povos. Dessarte, felizmente, atualmente o resgate identitário acontece por meio de diversas manifestações, sendo a Literatura uma das principais e mais utilizadas, possuindo o poder de atrelar o real ao imaginário de forma poética. Nos poemas de Lima, ela utiliza o português para que tenha um alcance global maior, porém as palavras em crioulo são constantemente usadas como forma de valorização e resistência às raízes profundas.

O uso da língua crioula pode representar uma manifestação de sentimentos, fazendo com que haja uma conservação de uma herança tradicional. É notória a utilização desses dialetos crioulos em diversos poemas de autores africanos de língua portuguesa, sendo utilizados para preservar e elevar o conhecimento da existência dessas línguas para além da África. Logo, o campo literário coopera para a disseminação desses dialetos e aumenta o conhecimento sobre os mesmos, ocasionando maior acesso à identidade, cultura e tradição do continente.

Com isso, nota-se que, por meio da poética, é possível denunciar práticas e ações que são advindas do período colonial. Mesmo que a referida colonialidade do poder esteja presente e que seja difícil de combater por conta de tudo que coopera pela permanência dela na sociedade, é na Literatura que encontramos textos de resistência que abordam essas temáticas que aos poucos estão sendo normalizadas gradativamente.

Subjugação das Mulheres

A maneira como as mulheres que habitam países outrora colonizados são tratadas é, muitas vezes, discriminatória, pois algumas práticas herdadas da colonização se perpetuam até os dias de hoje e são reproduzidas por homens que fazem parte do mesmo povo dessas mulheres, ou seja, aqueles que são nativos de países que já foram colônias. Logo, diversas autoras usam de sua voz poética para apontar esses acontecimentos que colocam a mulher em uma posição ainda mais desprivilegiada e submissa. É constante a marginalização da figura feminina negra e como elas ocupam posições inferiores às dos homens, em qualquer âmbito social ou profissional, aumentando a desigualdade de gênero e fortalecendo o estereótipo criado pelos brancos europeus que ali viveram por séculos.

> O lugar delegado à mulher negra nas sociedades colonizadas é marcado por uma dupla colonização, uma vez que ela foi subalternizada e outremizada por europeu e homens de seu mesmo povo. Dessa maneira, a marginalização da mulher negra em ex-colônias e a sua inferioridade constituía-se como algo indiscutível quando colocada diante da figura masculina. (Vasconcelos *et al* Braz e Leibig, 2021, p. 1)

Partindo também de uma questão racial, as mulheres negras africanas sofrem o que muitos teóricos intitulam de "dupla colonização", visto que, mesmo após a independência, a subjugação dessas mulheres não cessou, ocorrendo também uma dupla opressão e perseguição às práticas e ao modo de viver dessas mulheres que precisam enfrentar discriminação de raça e gênero. Logo, a autora Conceição Lima discorre utilizando os seus poemas, sobre as vivências femininas em seu continente e como elas precisam lidar com a realidade que lhes foi imposta. As perseguições não são mitos, elas realmente ocorrem, principalmente com mulheres idosas, que são apontadas como bruxas e forçadas a se isolar da sociedade. Além do preconceito de raça e gênero, há também intolerância religiosa, pois, a religião predominante em São Tomé e Príncipe é o cristianismo, devido à doutrinação feita pelos portugueses durante a colonização. Assim, as religiões de matrizes africanas sofrem preconceito, e as pessoas que seguem, principalmente as mulheres, são vistas com maus olhos.

No poema "A lenda da bruxa", a autora fala sobre uma senhora chamada Malanzo, que vivia na solidão, sem poder contar com nenhum tipo de assistência ou ajuda. Ela era vista como uma feiticeira e representa as mulheres que sofrem exclusão social e que são totalmente

isoladas da sociedade, uma conduta frequente no país. Além disso, o poema pode simbolizar os idosos desabrigados que não recebem nenhum cuidado, nem da família nem dos órgãos governamentais. Mais uma vez, Lima critica, de forma poética, o sistema que coloca pessoas em situação de vulnerabilidade social.

> *A Lenda da Bruxa*
>
> San Malanzo era velha, muito velha
>
> San Malanzo era pobre, muito pobre.
>
> Não tinha filhos, não tinha netos
>
> Não tinha sobrinhos, não tinha afilhados
>
> Nem primos tinha e nem enteados [...] (LIMA, 2006, p. 44)

Há relatos de mulheres sãotomenses, a maioria idosas, que foram mortas de forma cruel por serem consideradas "feiticeiras". Muitas vezes, elas enfrentam essa situação sem uma rede de apoio familiar. No poema a seguir, retirado do livro de Conceição Lima e estudado nesta pesquisa, a autora aborda sobre a solidão dessas mulheres, muitas vezes isoladas da sociedade por serem consideradas feiticeiras.

> A condição de São Malanzo é a condição do segmento de velhos e velhas em situação de desamparo, inseridos em um processo de exclusão que se inicia no seio familiar e se fortalece na sociedade, sob a negligência do Estado São Tomé (Silva, 2018, p. 57).

Ademais, no do campo literário, cabe ressaltar que, para as mulheres africanas, o processo de aceitação da escrita é ainda maior, pois, apesar da liberdade para todos, é notório que o racismo e machismo estrutural estão entrelaçados e acabam ofuscando ou até me impedindo que uma obra literária de escrita feminina e africana seja reconhecida e valorizada. No entanto, há muitas vozes relevantes de mulheres que representam o continente africano na literatura.

Isso evidencia a dupla colonização anteriormente mencionada, reforçada por uma sociedade patriarcal que oprime e corrobora para que essas mulheres passem a seguir um padrão socialmente aceito, ignorando as particularidades e diferenças de cada uma. Isso tudo envolve o machismo enraizado no meio social de São Tomé, que precisa passar por constantes transformações para evoluir socialmente e criar um ambiente seguro e que valorize todas as mulheres, principalmente as nativas, que são os alvos principais do opressor.

Além disso, no mercado de trabalho, por exemplo, essa misoginia também se faz presente, pois alguns cargos são ocupados majoritariamente por homens. Na política são-tomense, podemos relembrar que as mulheres foram essenciais na luta pela independência de São Tomé e Príncipe, mas, após a tão sonhada autonomia, essas mulheres foram excluídas do meio político, não assumindo os grandes cargos disponíveis. Com isso, tiveram que voltar a cumprir o papel de "dona de casa", por conta das injustiças de gênero. Pensando nessa desigualdade, foi criado o Gabinete de Promoção da Mulher e da Família, com o intuito de promover a igualdade em todo o contexto de mercado de trabalho. As mulheres não são somente provedoras do lar, logo, é necessário que essa disparidade entre homens e mulheres diminua para que elas passem a conquistar um lugar de prestígio na sociedade.

Dessarte, a subjugação das mulheres ocorre com frequência e Lima expõe, por meio de suas obras, essas repressões. Em uma entrevista concedida ao Dr. José Henrique Borralho, a autora revela que o fato de ela ser uma inspiração para essas mulheres não é um peso, mas sim uma motivação. LIMA (2022, p. 6): "É uma motivação. Eu diria que a palavra é motivação, não é peso. Não sinto que carregue isso, não sinto que isso penda sobre mim como um peso. É uma

motivação, essa é a expressão correta e certa, é uma motivação", afirma a autora. A autora, além de tratar questões que abrangem o seu povo como um todo, se direciona em muitos momentos exclusivamente para as dores e vivências femininas, dando ênfase às suas lutas diárias.

> A recuperação do corpo pelas palavras da própria mulher negra permite, deste modo, que este possa voltar a ganhar os significados e as potencialidades que historicamente lhe foram sendo negados pelo sistema colonial. Isto inclui descobrir possibilidades de expressão identitária que extravasam aquelas que historicamente regularam o comportamento das mulheres negras (Castro, 2021, p.125).

Portanto, a importância de ter autoras negras abordando vivências de outras mulheres negras, que não possuem a visibilidade necessária para contar sobre as suas lutas, é essencial para o início de uma batalha que busca compreender e valorizar os desafios enfrentados pela figura feminina na África.

Representações Femininas na Literatura Africana de Língua Portuguesa

Se tratando de Literatura, observa-se que, por longos séculos, as mulheres foram invisibilizadas em um contexto geral, tendo muitas vezes seus nomes ofuscados por pseudônimos. No presente trabalho, os estudos estão voltados para o continente africano, mais especificamente para o arquipélago de São Tomé e Príncipe, que atualmente possui uma rica produção literária feminina que necessita de estudos e visibilidade.

A autora Conceição Lima, estudada nesta pesquisa, possui grande importância e é uma das principais figuras contemporâneas das produções africanas. Neste tópico, no entanto, será abordado a respeito de Alda Espírito Santo, explorando a sua trajetória política e literária em São Tomé e Príncipe e a sua busca por igualdade racial e de gênero. Além dela, será abordado a respeito dos textos produzidos pelas escritoras Alda Lara e Noémia de Sousa.

Os autores do arquipélago costumam fazer um exercício de rememoração em seus versos, explorando acontecimentos marcantes na história do país, como as colonizações e a violência de Batepá. Essas características são importantes, pois esses casos foram "esquecidos"; logo, enfatizar o ocorrido nos textos é fundamental para manter viva a resistência dos povos que ali viveram e vivem atualmente no arquipélago, além de denunciar as práticas colonialistas que persistem de forma oculta.

Alda Espírito Santo nasceu em 30 de abril de 1926, na ilha de São Tomé, atual capital do país. Inicialmente, a autora iniciou seus estudos na ilha e posteriormente se mudou para Lisboa para dar continuidade, onde passou a conviver com outros estudantes africanos que possuíam o mesmo objetivo: ver o seu país obtendo a independência. Sua luta anticolonialista fez com que ela participasse de diversos movimentos. A sua perseverança foi reconhecida quando São Tomé e Príncipe se tornou um país independente. A partir desse momento, Alda tornou-se ministra educacional e cultural. No contexto feminino, ela foi presidente do Fórum das Mulheres de São Tomé e Príncipe, um projeto importante para as mulheres que querem ingressar no mercado de trabalho ou até mesmo em outros âmbitos sociais, ou seja, no geral, o seu objetivo é promover a inclusão das mulheres em diversas áreas. A poetisa Alda Espírito Santo surge abordando temas centrados na mulher africana, colocando em evidência seus valores e sua posição na sociedade.

> A poetisa se faz a porta-voz de uma mulher africana insubordinada, reivindicando e convocando essas mulheres para um despertar, para uma reconstrução identitária. São os primeiros apontamentos de uma voz feminina que assume a condição de protesto frente à situação da mulher africana. (Gonçalves, 2018, p.39).

Em um dos poemas intitulado "*No mesmo lado da canoa",* Alda fala sobre a necessidade de união entre homens e mulheres, tendo em vista que ocorre até hoje uma subjugação feminina.

Logo, essa separação é maléfica para o povo em geral, pois a população deve se opor a heranças colonialistas que até hoje perpetuam nesses países recém-independentes.

> ***No mesmo lado da canoa***
> Mas nós queremos ainda uma coisa mais bela. Queremos unir as nossas mãos milenárias, das docas dos guindastes das roças, das praias numa liga grande, comprida dum pólo a outro da terra p'los sonhos dos nossos filhos para nos situarmos todos do mesmo lado da canoa. (Santo, 2010, p. 27)

É possível observar também que a autora fala sobre a importância de permanecer do mesmo lado da "canoa", ou seja, unidos em prol de objetivos que beneficiem todos os envolvidos, sem distinção, visto que, infelizmente, as mulheres ainda sofrem perseguição e são inferiorizadas, sendo essa uma das práticas coloniais que precisam ser observadas e combatidas.

A temática da mulher negra foi abordada por ela inúmeras vezes, inclusive em um de seus ensaios, intitulado "*Luares de África*". Nele, a autora discorre sobre o papel feminino na África e como elas são vistas socialmente. Alda faz uma denúncia que salienta a situação vivenciada por mulheres negras que vivem no continente, pedindo para que os outros espectadores passem a enxergar de outra forma essas ocorrências. Um continente que é totalmente patriarcal tem muita dificuldade em inserir as mulheres em ambientes simples. Dessa maneira, a denúncia de Alda aponta para um silenciamento e subjugação, onde a população se cala diante de uma desigualdade de gênero explícita e faz um alerta para um despertar.

> Toda a gente conhece a sina fatal da mulher africana, da última que é última entre os negros que já são últimos na concepção vulgar dos demais povos de categoria civilizada. A negra é uma máquina de dar filhos, é a sofredora do trabalho, que serve o homem fielmente, como uma besta de carga completamente mecanizada (ESPÍRITO SANTO, 1949, p. 12-13).

Além do mais, ela fala diretamente com as mulheres negras do futuro, com a próxima geração, desejando que tudo seja diferente do presente e do passado, para que elas não vivenciem o que as ancestrais vivenciaram, que possam ter outra "sorte", que possam usufruir firmemente de seus direitos e exercer sua cidadania plenamente.

Ademais, cabe apontar as declarações de Conceição Lima sobre Alda Espírito Santo, revelando a importância dessa mulher na história santomense e como ela reivindicou direitos básicos para uma a sociedade que ainda vivia em função do eurocentrismo. A autora fala sobre o papel de Alda na literatura daqueles países e sobre como ela foi inspiração para outros autores.

> Alda Espírito Santo teve um papel muito, muito, muito importante, porque ela colocou sobre os nossos ombros uma espécie de alforje, onde os poetas, os poetas das literaturas africanas de língua portuguesa que lançaram o sopro vital da nação estavam todos nivelados. É como se eu tivesse cinco países. (Lima, 2022, p. 16).

É importante abordar sobre a vida de Alda Lara, que nasceu em 1930, em Angola. Sua poesia possui fortes marcas feministas, e é possível perceber o intuito de colocar a mulher sempre como "personagem principal". Essa abordagem é importante, pois a força da mulher é colocada em evidência, destacando características que colocam a figura feminina em uma posição superior.

> Maternidade
> Dentro de mim,
> é que trago
> a voz que se não cala,
> e a força
> que não mais se apaga

Dentro de mim
é que o caudal-anseio alaga,
e correndo
há-de rir, de mar em mar,
levar
a fim da terra,
um sinal de infinito...

Dentro mim,
Do meu sangue nutrida,
e sustentada,
é que a voz não é soluço
mas grito!

Dentro de mim,
eco de paz ou de alerta,
dentro de mim,
é que a eternidade é certa. (LARA, 2004, p.90)

Pode-se observar que os versos desse poema representam a força feminina, falam sobre processos coloniais que afetam diretamente a mulher e o seu modo de viver. Mas que, apesar de tudo, a força da mulher prevalece, não com choro, mas com o grito de coragem. Esse grito pode representar uma resposta aos séculos de repressão, em que as dores femininas foram silenciadas, mantendo-se caladas. Logo, ele representa resistência e uma resposta à subjugação colonial e patriarcal.

Além desse poema, há outro que aborda sobre o sofrimento da mulher e o fato de as mulheres sempre estarem designadas a sofrer, que padecem desde sempre e continuam sendo responsabilizadas por atos que não estão no controle. Alda Lara tenta explorar essas questões de forma poética e sensível, focando no sentir delas.

(...) Mulher fez-se p'ra sofrer.
para sofrer e esperar.
Mulher fez-se p'ra sofrer e perdoar…
Há milênios que sofremos… não é tempo(...) (LARA, 2004, p. 105).

Diante desses versos, percebe-se que a autora indaga o fato de as mulheres sofrerem há milênios e que é tempo desse sofrimento cessar. Trata-se de práticas que se iniciaram desde o princípio, quando o sexo feminino era visto como fraco, e o masculino era o "herói" ou até mesmo o chefe do seu lar. Além dessa questão, há a violência física e psicológica. No trecho, a autora disserta sobre sofrer e perdoar, ou seja, após serem violentadas, humilhadas e inferiorizadas, as mulheres estão fadadas a perdoar e recolher suas dores, tendo que enfrentar as consequências sozinhas. Sabe-se que os homens são isentos de muitos atos, que suas falhas são perdoadas facilmente, enquanto as mulheres são julgadas por atos cometidos ou sofridos. Com isso, Alda Lara busca mostrar a realidade dessas mulheres.

CONCLUSÃO

A referida pesquisa teve como objetivo principal analisar os elementos da colonialidade do poder e a tentativa de subjugação das mulheres sãotomenses presentes na obra *A dolorosa raiz de Micondó*. De acordo com os resultados obtidos através de pesquisas teóricas, é possível afirmar que esse objetivo foi alcançado, tendo em vista que o presente trabalho abordou parcialmente a respeito da colonialidade do poder e a posição ocupada pelas mulheres em São Tomé e Príncipe. Durante as pesquisas, foram estudadas temáticas relevantes para o contexto

da obra de Conceição Lima. A análise do livro A dolorosa raiz do Micondó foi essencial para os resultados deste estudo. Dessa maneira, após esse levantamento, foi possível conhecer mais a respeito do contexto social em que o país está inserido e como Lima relata suas origens.

Ademais, ficou claro que o papel da autora é essencial, e que suas obras têm como meta denunciar e mostrar que o eurocentrismo prejudica a reconstrução social, cultural e linguística dos países que foram colonizados, refletindo comportamentos patriarcais herdados dos colonizadores que tinham uma visão misógina das mulheres. O livro estudado trata de diversos temas, mas este estudo focou principalmente em como o colonialismo do poder interferiu na restauração de cada país e como essa prática está inserida na atualidade de forma mais encoberta, visto que, apesar de ter havido uma "libertação", os modelos impostos pelo europeu permanecem na mente de muitas pessoas como absolutos e únicos a serem seguidos.

Outrossim, outro tema pertinente falado neste estudo foi a respeito da escrita feminina nos países africanos de Língua Portuguesa e como essas autoras abordam temas do universo feminino. Além de Lima, escritoras como Alda Lara, Alda Espírito Santo e Noémia de Sousa também apontam aspectos que envolvem a subjugação das mulheres nesses países recém-independentes e como as práticas coloniais interferem até hoje na posição ocupada pela mulher na sociedade. Apesar de muitos avanços, é perceptível nos versos das autoras que muitos costumes permanecem atualmente, logo, os estudos desses poemas são relevantes para que certas temáticas se espalhem por meio da literatura e se tornem evidentes.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Érica. **Uma voz de imbondeiro no silêncio da gravana: a representação da mulher na poesia de Alda Espírito Santo e Conceição Lima**. *Revista Crioula*, p. 1-18, 2008.

BARBOSA, A. C. **Cuidado em saúde e mulheres negras: notas sobre colonialidade, re-existência e conquistas**. *Ciência & Saúde Coletiva*, p. 2469-2477, 2023.

BAYER, Adriana. **Poesia são-tomense: geografias em dispersão**. 2012. 205 p. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BIRRETO DO NASCIMENTO. **Espetros de Batepá: memória, identidade e diferença sexual nas representações literárias do «Massacre de 1953» em São Tomé e Príncipe**. 2016. Tese (Doutorado em Pós-Colonialismos e Cidadania Global) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2016.

CARVALHO, A. A. de; RIBEIRO, E. **Noémia de Sousa, a "cantadora dos esquecidos" na Moçambique colonizada (1948-1951)**. *Revista (Entre Parênteses)*, v. 6, n. 2, p. 1-18, 2017.

CASTRO, A. A. **A construção de uma identidade feminina decolonial em Kilêlê: a dança sagrada do falcão, de Olinda Beja**. *Faces de Eva*, v. 50, p. 115-133, 2021.

COSTA, D. R.; BEZERRA, R. A. **Infância e nostalgia: evocação da memória afetiva em "A Dolorosa Raiz do Micondó", de Conceição Lima**. *Cadernos Imbondeiro*, João Pessoa, v. 3, n. 2, 2014.

GONÇALVES, P. S. **A literatura santomense e a resistência feminina por Alda Espírito Santo e Conceição Lima**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

LARA, Alda. **Poemas**. Porto: Vertente, 1984.

LARA, Alda. **Poemas**. Luanda: Edições Maianga, 2004.

LEAL, L. B. **Alda Lara: um convite à poesia**. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 212-239, 2023.

LIMA, Conceição. **A dolorosa raiz do Micondó: poesia**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

LIMA, Conceição. **Entrevista concedida a Henrique Borralho**. São Tomé, jul. 2022.

MAIA, B. S. R.; MELO, V. D. S. **A colonialidade do poder e suas subjetividades**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFJF, v. 15, 2020.

MAIA, F. J.; FARIAS, M. H. V. **Colonialidade do poder: a formação do eurocentrismo como padrão de poder mundial por meio da colonização da América**. *Interações*, Campo Grande, v. 21, n. 3, p. 577-596, jul./set. 2020.

MATA, Inocência. **A poesia de Conceição Lima: o sentido da história das ruminações afetivas**. *LiterÁfricas*, 2023.

PONTES, Roberto. **Conceição Lima e a poesia na pós-independência em São Tomé**. *Vitória*, n. 25, 2014.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SEIBERT, G. **Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social**. *Anuário Antropológico*, v. 40, n. 2, 2015.

VASCONCELOS, A. C. M. de; BRAZ, R. F.; LIEBIG, S. M. **O arquétipo da mulher negra à figura da bruxa: dupla colonização no poema "A Lenda da Bruxa", de Conceição Lima**. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL AFRICANIDADES E BRASILIDADES EM EDUCAÇÃO, 3.; CONGRESSO NACIONAL AFRICANIDADES E BRASILIDADES EM EDUCAÇÃO, 5., 2020, Espírito Santo. *Anais* [...]. Espírito Santo, 2020.